

Partilhar Cristo na Vivência Litúrgica

Texto bíblico	Textos complementares
1 Coríntios 14:26-40	Isaías 1:10-19

EXPLICAÇÃO DO TEXTO BASE

A preocupação de Paulo neste trecho da carta aos Coríntios, revela o seu cuidado quanto à forma pela qual, os seus irmãos na fé se deveriam comportar, quando reunidos para adoração. Esta comunidade, a mais conhecida de todas as comunidades do apóstolo, revelava-se aos olhos do seu fundador como uma congregação entusiástica, cheia dos dons do Espírito, mas ao mesmo tempo anárquica quanto à manifestação dos mesmos. Todos queriam usar da palavra para proferir profecia, testemunho, ou para falar línguas, sem contudo respeitar o outro que estaria em uso da palavra. Tudo acontecia desordenadamente pelo que, Paulo sugere aos irmãos que se faça “tudo decentemente e com ordem.” Era necessário que ao se reunirem todos pudessem partilhar dos diversos dons de forma inteligível.

É evidente que não há em Paulo uma preocupação marcadamente litúrgica, mas apenas quanto à disciplina dos membros da comunidade de Corinto. Não podemos ignorar que Paulo e toda a “Igreja” vive a esperança da parusia, o regresso de Cristo. Não existe ainda uma verdadeira noção de dimensão católica da Igreja e a vivência da fé dos crentes surge em torno das pequenas comunidades, dentro e fora de Israel, em torno da proximidade da segunda vinda de Cristo.

A palavra Liturgia, do grego “*leitourgía*” (função pública), revela uma outra compreensão do tempo de encontro dos crentes em Cristo. Ela surge e vai evoluindo com o tempo, à medida que a Igreja se assume como temporal, chamada por Deus, para testemunhar do Cristo, redentor da humanidade.

Ela não cumpre apenas a função de suscitar a ordem, onde antes existia a anarquia, mas é fundamentalmente um preciso instrumento para testemunho colectivo e individual da nossa fé comum.

APLICAÇÃO DO TEXTO PARA A ACTUALIDADE

Quando participamos da liturgia raramente nos questionamos quanto à sua forma e o seu sentido. Estamos habituados a partilha-la com os nossos irmãos na fé sem que alguma vez tenhamos sugerido questionar o seu valor e a sua estrutura. A nossa compreensão da liturgia está ainda em função da ordem e seriedade com que o Culto deve decorrer. Não nos apercebemos que a liturgia tende a testemunhar por ela própria, aquilo que Deus em, Jesus Cristo, fez por cada um de nós e por toda a humanidade. Ela estrutura-se, ou deverá estruturar-se, de tal forma que seja perceptível a cada um dos participantes, o processo pelo qual Deus os chamou à fé.

Se atentarmos para a liturgia oficial da nossa Igreja para os Domingos, repararemos que a estrutura está de acordo com a nossa própria visão do agir de Deus para com os homens e mulheres.

De uma forma simples ela desenrola-se através dos seguintes momentos:

1. Momento de Adoração
2. Momento de Confissão
3. Momento de Edificação – leituras Bíblicas e Sermão
4. Momento de Intercessões
5. Momento de Acção de Graças

1- Num primeiro momento adoramos Deus Criador e sustentador de todas as coisas. É Ele que vem ao nosso encontro, não obstante a nossa condição de pecadores, quando com diligência o

procuramos. É por Ele que brota em nós a Graça gratuita de fé que nos permite o sentimento da salvação. **2-** É a partir deste encontro com Deus que cada homem e mulher se encontra consigo mesmo, na sua fraqueza e fragilidade. Caem por terra os nossos sonhos de auto-suficiência, não somos mais o centro de todas as coisas, e surge em nós o sentimento de dependência para com o Deus criador, que com misericórdia e benignidade atenta para a nossa confissão. **3-** Como resultado deste duplo encontro com Deus e conosco próprios, surge a necessidade de aprofundar o conhecimento acerca de Deus. A Bíblia torna-se assim a fonte de toda a inspiração que anima o nosso viver. Pela Palavra crescemos na fé e no conhecimento de todas as coisas que nos são próprias enquanto filhos e filhas de Deus. **4-** Pelo estudo da Palavra brota em nós o desejo do discipulado que nos chama a ser luz e sal da terra. Tornamo-nos conscientes de que em Cristo Deus deseja a salvação de toda a humanidade. O sentimento da dignificação, da justiça, da paz, tornam-se objecto da oração e da prática do povo de Deus para com o próximo. A intercessão revela o sentimento universalista de fé e afirma o nosso compromisso com a construção do Reino. **5-** Em todo este processo, ao qual fomos chamados e pelo qual vivemos, resta-nos testemunhar em Acção de Graças a nossa profunda gratidão.

É a esta experiência comum que nos associamos quando dominicalmente partilhamos a nossa liturgia, seja ela, “espontânea” ou escrita. Celebramos a nossa experiência pessoal com Deus, em Jesus Cristo, reafirmando assim a nossa percepção de Deus e do seu agir. Testemunhamos, enquanto Povo de Deus, que esta experiência está acessível pelo amor de Deus a toda a humanidade.

A pontualidade dominical, tantas vezes falada, não é então um mero acto de bom senso ou cordialidade, mas um imperativo para quem deseja testemunhar de um processo, que é seu e pelo qual vive.

A liturgia vale, pois, pela sua contribuição para o testemunho individual e colectivo da Igreja. Ela reafirma dominicalmente que Cristo, Filho de Deus, é Senhor e Salvador.

ORAÇÃO

“Oramos, ó Deus para que haja alegria
em nós na vivência da liturgia.
Estimula-nos à participação,
incita-nos à pontualidade.
Dá-nos a consciência da importância
do testemunho comunitário.
Renova constantemente a tua Igreja
para que a mesma encontre novas
formas litúrgicas de celebração da Palavra.
Por Cristo Jesus, Nosso Senhor. Amem”

QUESTÕES:

1. Será necessário uma ordem litúrgica no Culto? Porquê?
2. Que entendimento tem da liturgia?

Rev. Eduardo Conde Almeida